



## ECONOMIA DONUT NAS CIDADES COMO CATALIZADORA DE INICIATIVAS DE INOVAÇÃO SOCIAL E SUSTENTÁVEIS: Relato de experiência no Complexo da Penha

The Doughnut Economics as a catalyst of social innovation initiatives in order to promote a more sustainable city:  
Experience in the Penha Complex

*Carolina Tomaz Barbosa\**

Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

ORCID: 0000-0002-7246-6841

\*Autor correspondente (e-mail: carolinatomazbarbosa@gmail.com)

*Debora Baruana*

Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

ORCID: 0000-0002-5841-9897

(e-mail: dbaruana@unisinis.br)

**Resumo:** O artigo reconhece os desafios enfrentados pela humanidade no século XXI, incluindo mudanças climáticas, perda de biodiversidade, pandemia, recessão econômica e desigualdade social. Esses problemas se devem, principalmente, à adoção de um modelo econômico linear e mecanicista que prioriza o crescimento e o lucro em detrimento do desenvolvimento sustentável. Em resposta, as cidades têm a oportunidade e responsabilidade de ressignificar esses problemas e de promover soluções integradas, regenerativas e sustentáveis. Diante disso, surge a proposta de um novo modelo econômico heterodoxo: a Economia Donut se concentra em atender às demandas socioambientais, adotando uma abordagem holística que reconhece a complexidade dos sistemas interdependentes. Assim, a proposta deste artigo é explorar o conceito da Economia Donut na prática a partir do relato de experiência da Oficina Donut realizada na Penha, Rio de Janeiro, Brasil. A Oficina teve a intenção de compreender se a Economia Donut, em uma proposta educativa, seria um modelo acessível e de fácil entendimento pela comunidade e se ela poderia catalisar iniciativas de inovação social e sustentáveis para potencializar a cidade. Os resultados mostraram o modelo Donut como uma prática de fácil entendimento para os 27 participantes, pela sua linguagem acessível e abordagem sistêmica. Também se mostrou como uma catalizadora de 33 iniciativas socioambientais da comunidade, a partir dos mapas (Locais/Globais) do guia "Criando Retratos da Cidade" concebidos pela Plataforma Doughnut Economics Action Lab. Contudo, percebeu-se que a visão global e a dimensão ecológica foram de difícil compreensão para a comunidade, que vive questões locais em escala de sobrevivência.

**Palavras-chaves:** Novas economias. Economia Donut. Workshop. Design para inovação social. Cidades sustentáveis.

**Abstract:** The article discusses the challenges faced by humanity in the 21st century, including climate change, biodiversity loss, pandemic, economic recession, and social inequality. These problems are mainly due to the adoption of a linear and mechanistic economic model that prioritizes growth and profit over sustainable development. In response, cities have the opportunity and responsibility to redefine these issues and promote integrated, regenerative, and sustainable solutions. Thus, the proposal of a new heterodox economic model emerges: the Doughnut Economy focuses on meeting socio-environmental demands, adopting a holistic approach that recognizes the complexity of interdependent systems. Therefore, the purpose of this article is to explore the concept of the Doughnut Economy in practice through the experience report of the Doughnut Workshop held in Penha, Rio de Janeiro, Brazil. The workshop aimed to understand whether the Doughnut Economy, in an educational proposal, would be an accessible and easily understandable model for the community, and whether it could catalyze social and sustainable innovation initiatives to enhance the city. The results showed the Doughnut model as a practice that was easily understood by the 27 participants due to its accessible language and systemic approach. It was also shown to be a catalyst for 33 socio-environmental initiatives in the community, based on the "Creating a Portrait of the City" guide maps (Local/Global) conceived by the Doughnut Economics Action Lab. However, it was observed that the global vision and ecological dimension were difficult for the community to understand, as they face local issues at a survival scale.

**Keywords:** New economies. Doughnut Economics. Workshop. Design for social innovation. Sustainable cities.

---

## 1. Introdução

Os desafios encontrados no século XXI são urgentes e complexos, muitos decorrentes da ação do homem ao longo da história, em especial pela escolha do modelo econômico capitalista empregado em quase todo o mundo. É certo que muitos avanços, principalmente, econômicos e tecnológicos também foram alcançados. Contudo, por conta de um paradigma linear e mecanicista, que desconsiderou a complexidade do ecossistema em que vivemos, diversos problemas foram criados, como o da insustentabilidade dos nossos modos de vida. No capitalismo, o lucro e a produção linear são os focos centrais de atenção e guiam as tomadas de decisão (RAWORTH, 2019). Essa visão estreita e limitada tem desconsiderado o meio ambiente e as questões sociais da maioria da população planetária.

Dentre os desafios deste século, temos a crise climática, a diminuição da biodiversidade, os impactos de uma pandemia global e a grave crise econômica, além de altos índices de desigualdade social. Segundo o relatório do Banco Mundial intitulado *Pobreza e Prosperidade Compartilhada*, de 2020, a recessão econômica associada à pandemia e às mudanças climáticas podem levar entre 9,1% e 9,4% da população mundial (uma estimativa de 150 milhões de pessoas) a viver na pobreza extrema, ou seja, com menos de US\$ 1,90 por dia (WORLD BANK, 2020). Tais desafios são tanto locais, de impacto direto nas cidades, como globais. Dado que poderão ser diretamente prejudicadas, as cidades precisam assumir o protagonismo nas transformações sociais em direção à criação de sociedades mais justas e ecologicamente seguras, é o que defende o *Doughnut Economics Action Lab* (DEAL et al., 2020). Em 2010, o *World Future Council* já argumentava que as cidades, como territórios urbanos locais, têm a oportunidade e a responsabilidade de pensar e promover soluções integradas, a fim de transformar os padrões de comportamento vigente em algo novo, estimulando uma abordagem holística, regenerativa e sustentável (WFC, 2010). Ainda, sobre o tema cidade, recorre-se à noção conceitual de Maiolino e Mancebo (2005, p.71) “que a sociedade e o território são realidades indissolúvelmente articuladas”. As autoras tecem sobre a importância da subjetividade e localidade no texto “Territórios urbanos: espaço, indivíduo e sociedade”. Alinhado com essas questões e conceito, surge o modelo econômico denominado de Economia Donut. Tal modelo propõe equilibrar tecnologia, demandas sociais e meio ambiente, conforme afirma o antropólogo norte-americano Christopher Golias (2020).

A Economia Donut tem por foco atender as demandas do século XXI, pois parte de uma visão holística, que abraça a teoria da complexidade e o pensamento sistêmico, ciente da interdependência dos sistemas. Nesse sentido, é um modelo que se diferencia das abordagens mecanicistas e lineares adotadas no século passado (GOLIAS, 2020; RAWORTH, 2019). Proposto e desenhado pela professora e pesquisadora inglesa da Universidade de Oxford, Kate Raworth, que se considera uma economista renegada<sup>1</sup>, seu modelo vem ganhando destaque

---

<sup>1</sup>Termo presente em sua apresentação no seu site oficial: <<https://www.kateraworth.com/about/>>.

---

mundialmente, principalmente na Europa, onde algumas cidades já estão apostando nessa abordagem para lidar com as atuais crises. O modelo Donut traz uma profunda mudança de paradigma em relação ao sistema econômico atual (modelo neoclássico capitalista). Raworth (2019) acredita que o modelo Donut tem potencial para gerar as transformações sociais necessárias para promover um desenvolvimento sustentável nas cidades. Ainda Golias (2020) ao referenciar Raworth (2019), descobre que ela cita em seu texto a palavra “design” com mais frequência do que economia, o que faz sentido para ele, já que “o problema do crescimento infinito em um planeta finito é menos um problema econômico (principalmente porque os economistas parecem carecer de ferramentas para conceituar o problema e conceber soluções) e mais um problema de design” (GOLIAS, 2020, p. 612, tradução nossa).

Dentro desse contexto, destaca-se o trabalho e a abordagem “Design para inovação social e sustentabilidade” de Ezio Manzini (2008), um designer italiano que tem se dedicado à pesquisa em design, principalmente, aquelas voltadas a uma cultura de práticas colaborativas e sustentáveis. De modo geral, o autor discute que a transição da sociedade rumo à sustentabilidade ocorrerá via um processo de aprendizagem social, que precisa ser amplamente difundido, principalmente, nas comunidades de base. Para o autor, inovações sociais são iniciativas que promovem novos modos de agir, tanto a nível individual, como coletivo, com o intuito de resolver seus problemas locais ou criar oportunidades. Por isso, é vital estimular as iniciativas locais e projetar para a inovação social, bem como para a descontinuidade dos sistemas atuais (MANZINI, 2008). Na direção dessas intenções, o modelo Donut pode ser um contribuinte projetual, fomentando iniciativas e projetos de inovação social e sustentabilidade nas cidades.

Desta forma, a proposta deste trabalho explora os conceitos de Economia Donut, cidades sustentáveis e inovação social, a fim de evidenciar uma prática, a Oficina Donut, realizada pelo Instituto LivMundi, na Penha, um território urbano do Rio de Janeiro - Brasil. Trata-se do relato de experiência de uma Oficina que teve a intenção de apoiar uma comunidade a pensar e reconhecer o seu local a partir de soluções e projetos alinhados ao conceito de sustentabilidade. Para tanto, foram utilizadas as lentes sociais e ambientais propostas pelo modelo Econômico de Raworth (2019). Ao fim, tenta-se compreender se a Economia Donut, em uma proposta educativa, foi um modelo acessível e de fácil entendimento pela comunidade e se ela pode catalisar iniciativas de inovação social e sustentáveis para potencializar a cidade.

Desse modo, este trabalho está organizado em três seções: a primeira, aborda um entrelaçamento de conceitos entre a Economia Donut, a inovação social e as cidades, destacando a plataforma ‘*Doughnut Economics Action Lab*’ (DOUGHNUT ECONOMICS, 2023) e as 4 Lentes e nove maneiras de reconhecer e transformar o Retrato das Cidades. Seguindo, o método de pesquisa do estudo e de elaboração da Oficina Donut são apresentados. Por fim, os resultados da Oficina, em si, são relatados entre registros do evento, reflexões da facilitadora, materiais produzidos pelos participantes e seus *feedbacks*. Com isso, uma discus-

---

são é feita apoiando-se nos conceitos trabalhados, na percepção dos participantes e da facilitadora e em pontos de vista de outros economistas sobre o modelo Donut.

## **2. Economia Donut para inovação social nas cidades**

O modelo econômico Donut está diretamente relacionado à proposta de construção de cidades que agreguem valores sociais e ambientais ao desenvolvimento econômico. Por valores sociais, entende-se os benefícios gerados pelas ações desenvolvidas para o coletivo, e que estão conectados a formas mais sustentáveis de viver, produzir e consumir em sociedade (FREIRE, 2017, cap. 10). No entanto, ao invés de considerar apenas métricas como o PIB (Produto Interno Bruto) para avaliar a prosperidade de um território, o modelo Donut, destaca as métricas sociais e ecológicas para a criação de uma sociedade próspera para todos (RAWORTH, 2019). Assim, a Economia Donut é um modelo econômico alternativo que traz as bases de uma cidade sustentável.

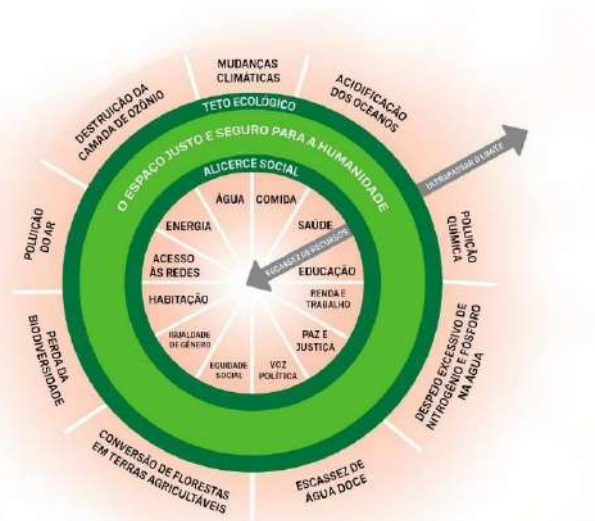
Tal modelo se destaca como uma direção para o desenvolvimento econômico do século XXI. Isto posto, vale destacar seus sete princípios essenciais (RAWORTH, 2019):

1. Mudar o objetivo de uma economia voltada ao crescimento do PIB para uma economia que visa promover a prosperidade que alcance a todos de forma equilibrada;
2. Analisar o quadro geral, abandonando a visão de um mercado autônomo e a substituindo pela visão de uma economia integrada;
3. Estimular a natureza humana, migrando da figura neoclássica do homem econômico racional para seres humanos adaptáveis à dimensão social;
4. Compreender o funcionamento da sociedade, adotando um pensamento sistêmico que sai de um modelo de equilíbrio mecânico para um modelo complexo e dinâmico;
5. Projetar para distribuir, que ignora a ilusão difundida pelo modelo neoclássico que a desigualdade social será equilibrada pelo crescimento econômico. Ao invés disso, propõe uma economia distributiva;
6. Criar para regenerar, defendendo uma cultura regenerativa por concepção;
7. Ser agnóstico em relação ao crescimento, tendo a consciência que na natureza nada cresce para sempre.

Estes princípios estão em consonância com a promoção da inovação social através da implementação de sistemas distribuídos e resilientes defendida por Manzini (2017) na obra “Design: quando todos fazem design: Uma introdução ao design para inovação social”. Obra em que o autor potencializa todos os agentes socioculturais como designers difusos que colaboram e projetam com designers especialistas em um processo de *codesign*<sup>2</sup>. Para esse autor inovações sociais são novas ideias, que podem ser produtos, modelos e serviços, que atendem as demandas sociais e, ao mesmo tempo, criam relações ou colaborações sociais, ou seja, são atividades que são boas para a sociedade e, também, ampliam suas capacidades de ação. Sendo uma de suas características, o “fato de que elas surgem da recombinação criativa de recursos já existentes, com o objetivo de atingir metas socialmente reconhecidas de uma nova maneira” (MANZINI, 2017, p. 25). O autor ainda destaca que “nenhum sistema distribuído pode ser implementado sem inovação social” (MANZINI, 2017, p. 32) sendo que para funcionar é preciso engajamento e comprometimento das pessoas com sua implementação (MANZINI, 2017). Sistemas distribuídos e resilientes estão diretamente relacionados com os princípios apresentados por Raworth para a promoção de um sistema econômico distributivo e sustentável. Segundo Raworth (2019, p. 170) “a economia de hoje é divisiva e degenerativa por definição. A economia de amanhã deve ser distributiva e regenerativa por concepção”.

O esquema utilizado para ilustrar a Economia Donut, Figura 1, baseia-se na imagem figurativa de um donut (rosquinha), que representa o espaço justo e seguro para a prosperidade humana (RAWORTH, 2019). O modelo apresenta nove indicadores ecológicos que utilizam os limites planetários e demarcam o limite externo do Donut. Tais indicadores foram elaborados por um grupo de cientistas internacionais liderados por Johan Rockström e Will Steffens (ROCKSTRÖM et al., 2009). Já os alicerces sociais, que demarcam o limite interno do Donut, foram inspirados nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e são representados por doze indicadores que estabelecem as condições básicas de vida que ninguém deve ser privado, um lugar seguro e socialmente justo para que a humanidade possa prosperar (RAWORTH, 2019).

**Figura 1:** Esquema do modelo da Economia Donut.



**Fonte:** RAWORTH, 2019.

<sup>2</sup> Definições para os termos “designer difuso”, “designer especialista” e “codesign” são encontradas na obra de Manzini (2017).

---

A Economia Donut propõe uma mudança de paradigma de um modelo linear, que não considera a escassez de recursos e nem o bem-estar social, para uma proposta econômica que atenda às necessidades socioambientais do século XXI. Dentro da dimensão ambiental, vivemos hoje em um mundo ameaçado pelas mudanças climáticas que já vem intensificando fenômenos como secas, inundações, tempestades e aumento do nível do mar. As consequências desses fenômenos têm aumentado a desigualdade social e provocado um grande aumento no número de desabrigados e refugiados ao redor do mundo (EJF, 2017). Ademais, o atual modelo econômico focado apenas no crescimento econômico tem mostrado sua ineficácia em relação a promoção do bem-estar social. Além das crises ambientais, o mundo hoje apresenta uma expressiva taxa de desigualdade social. Segundo o relatório da OXFAM, ‘A “sobrevivência” do mais rico’, “nos últimos 10 anos, o 1% mais rico da humanidade se apropriou de mais da metade de toda a nova riqueza global” (OXFAM, 2023, p. 7).

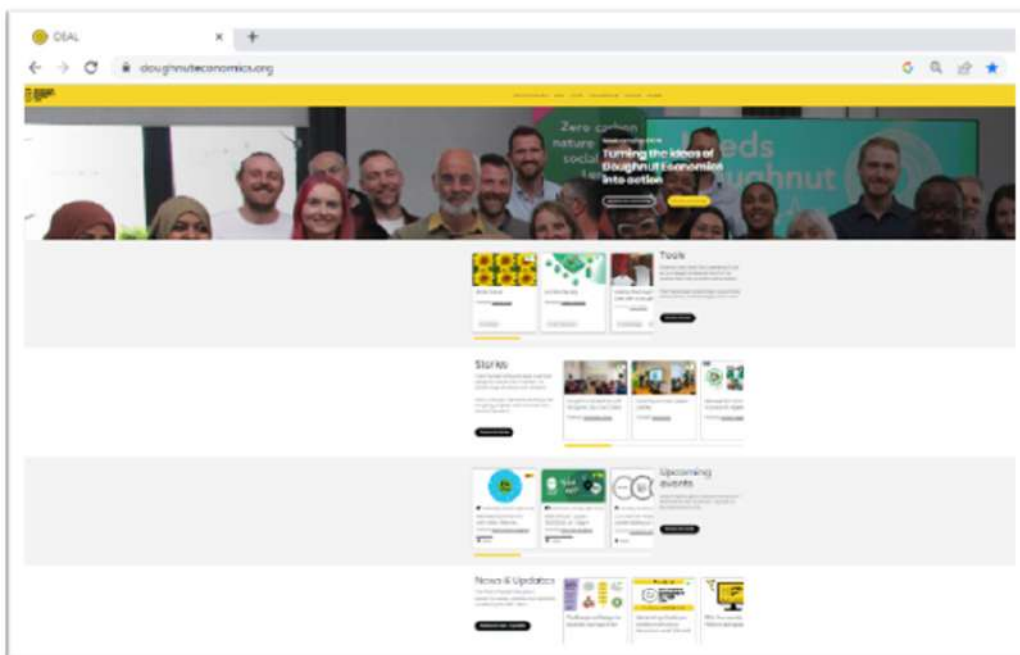
Dentro deste contexto, temos as cidades como os principais espaços socioambientais onde as relações singulares acontecem e a economia desvenda-se. Para Maiolino e Mancebo (2005, p.72) “o corpo da cidade, suas linhas, vazios e volumes construídos, não se constituem como mero palco das ações humanas ou consequência de uma dada estrutura social, mas como um dos elementos instigantes das interações da sociedade”.

A cidade afirma-se como elemento fundamental da complexa reprodução social em praticamente todas as sociedades contemporâneas e suas transformações espaciais internas passam a incidir e se relacionar diretamente com seus novos residentes. As misturas culturais e sociais tornam-se obrigatórias e todo um leque de angústias e problemas – mas também de possibilidades de novas formas de subjetivação – atinge seus habitantes (MAIOLINO e MANCEBO, 2005, p.76).

É justamente destas “novas formas de subjetivação” que o design para inovação social e sustentabilidade encontra espaço para prosperar.

A fim de construir um futuro diferente para o planeta e sua realidade, muitos cidadãos, entre designer difusos e especialistas (MANZINI, 2017), têm se organizado em comunidades para atuarem de forma colaborativa e criativa em busca de soluções socioambientais mais promissoras. E, no sentido de apoiar esse movimento, Kate Raworth junto com outros pesquisadores desenvolveram a plataforma ‘Doughnut Economics Action Lab’ (DEAL). Uma plataforma (Figura 2) que tem o intuito de ser uma comunidade de aprendizagem e prática para todos, a fim de apoiar na elaboração de projetos, iniciativas e políticas-públicas a partir das 4 Lentes e maneiras de pensar e agir pela perspectiva socioambiental da Economia Donut. Na plataforma, é defendido que as economias do século XXI serão praticadas primeiro e teorizadas depois, e serão inspiradas pela criatividade, imaginação, habilidade e perspectivas de todos (DOUGHNUT ECONOMICS, 2023). Assim, a proposta é que além do conteúdo, modelos e ferramentas desenvolvidas pela equipe, todos contribuam com as suas experiências, práticas e críticas ao modelo. Sendo, portanto, uma plataforma aberta para apoiar a solidificação, pela prática, do modelo proposto.

**Figura 2:** Visão geral da plataforma DEAL.

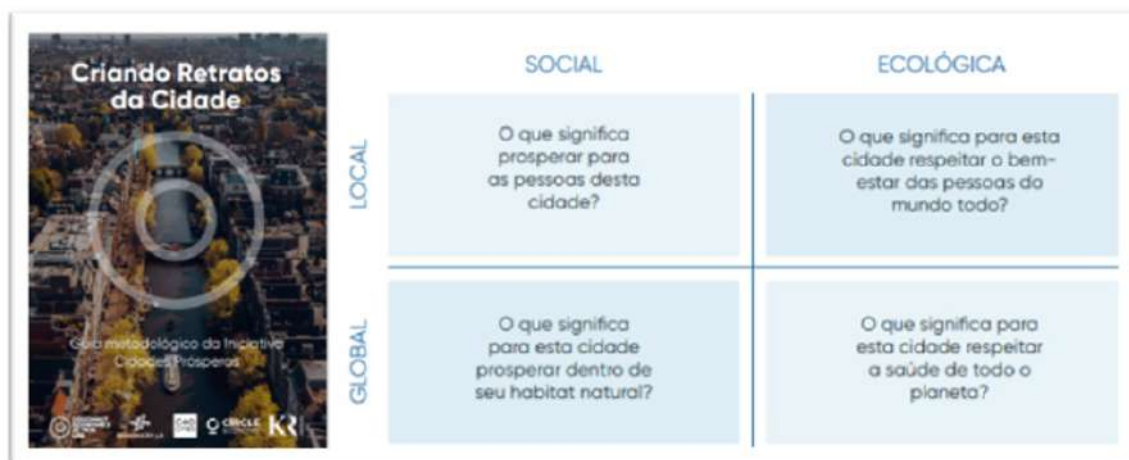


**Fonte:** DOUGHNUT ECONOMICS (2023). Acessado em: 27.05.2023.

Nessa comunidade estão presentes pessoas de diferentes partes do mundo, que têm experimentado o modelo, as ferramentas e os *workshops* propostos na plataforma. Nela, as pessoas encontram ferramentas e estudos de casos aplicados em comunidades, cidades e regiões, academia, escolas, empresas e governo. Todo conteúdo disponibilizado na plataforma está em formato de código aberto e boa parte do conteúdo está traduzido em diversas línguas. Esse tipo de plataforma e as soluções apresentadas são chamadas por Manzini (2008) de ‘plataforma habilitante’ e ‘solução habilitante’. Segundo o autor, plataformas e soluções habilitantes comportam um conjunto de soluções que “criam as condições favoráveis para que pessoas criativas expressem suas ideias, encontrem parceiros e comecem projetos e/ou soluções” (MANZINI, 2008, p. 81).

Uma das ferramentas importante disponibilizada na plataforma é o guia ‘*Criando Retratos da Cidade: guia metodológico da Iniciativa Cidades Prósperas*’ (DEAL et al., 2020), desenvolvido pelas instituições: DEAL, Biomimicry 3.8, C40 Cities, Circle Economy e KR Foundation. O guia tem o propósito de aplicar o Donut na escala de umacidade ou comunidade local, com o intuito de tornar o processo simples, a fim de que todos possam utilizá-lo. Além disso, propõe que sejam realizadas ações locais, com aspirações de responsabilidades globais. Ao estimular o agir local, a proposta do guia é aplicar o Donut em escalas que possam ser mais facilmente mensuráveis, para analisar seus impactos e assim desdobrar para diferentes níveis, como bairros, cidades e países. Para isso, apresenta o que chama de 4 Lentes do Retrato da Cidade (Figura 3), na qual é possível tirar uma “foto instantânea e holística para discutir questões complexas” (DEAL et.al., 2020, p. 8). Cada uma das 4 Lentes retrata uma parte das informações da cidade que poderão ser trabalhados a fim de abrir discussões sobre caminhos possíveis e transformadores. Estas Lentes abrangem dimensões locais e globais e aspectos sociais e ambientais.

**Figura 3** : Guia Criando Retratos da Cidade e as 4 Lentes do Retrato da Cidade.



**Fonte:** DEAL et al., 2020.

A fim de trazer o olhar Donut para essa perspectiva mais local, são propostas nove maneiras de transformar o Retrato da Cidade em ação transformadora, são elas (DEAL et al., 2020):

1. Espelho – no qual estimula refletir sobre o estado atual da cidade através da perspectiva holística do retrato.
2. Missão – criar uma visão que fomente o desejo em tornar a cidade mais próspera.
3. Mobilização - que propõe reunir e mobilizar moradores locais e partes interessadas do território que querem promover uma mudança.
4. Mapa – mapear iniciativas, políticas e estratégias que já existem e estão atuando para esse fim.
5. Mentalidade – abraçar novos valores, narrativas e formas de trabalho que visam mudanças estruturais mais profundas.
6. Métodos – ter ferramentas que apoiem a análise do Retrato da Cidade.
7. Impulso – impulsionar processos iterativos a fim de estimular políticas e ações transformadoras.
8. Monitoramento – definir os indicadores que irão avaliar o progresso das propostas apresentadas.
9. Ummm! – Ser irresistível, criativo, a fim de compartilhar aprendizados e histórias de sucesso. Celebrar!

---

Foi com base neste guia (em suas 4 Lentes e nove maneiras) que o Instituto LivMundi<sup>3</sup>, uma Organização da Sociedade Civil (OSC), organizou e facilitou uma Oficina sobre a Economia Donut no Complexo da Penha do Rio de Janeiro - Brasil. O LivMundi, desde 2016, atua com o objetivo de democratizar a pauta socioambiental, a fim de tornar sua linguagem mais simples e acessível, em uma proposta educativa, para que as pessoas possam se engajar e conscientizar na promoção de iniciativas de transformações socioambientais em seus territórios. E é como base no relato dessa experiência, que este trabalho se constitui e explora os conceitos de Economia Donut, cidades sustentáveis e inovação social, de modo entrelaçado. A seguir é detalhado o método que possibilitou a proposição deste trabalho de base teórica e prática exploratória.

### 3. Oficina Donut e método de pesquisa

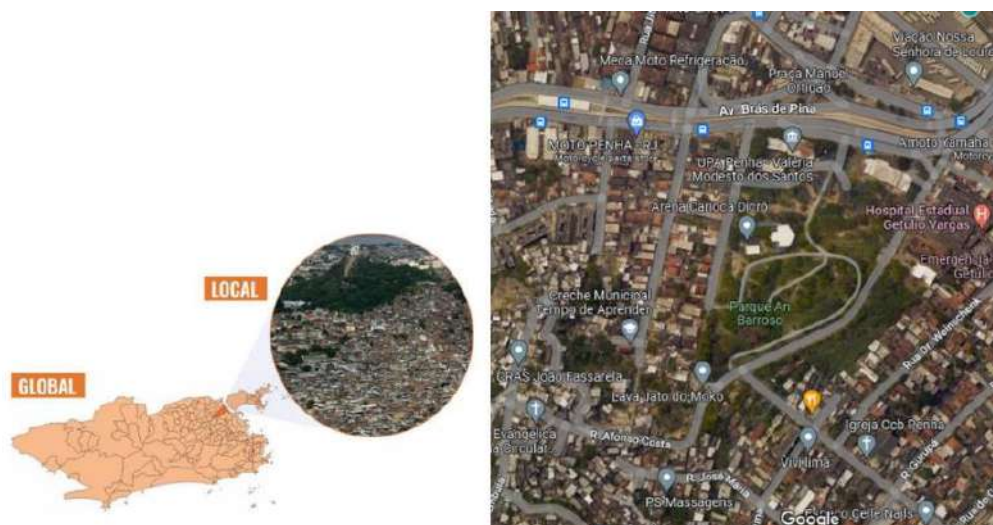
A Oficina Donut é o relato de experiência apresentado neste estudo, de caráter exploratório, que tem a intenção de compreender se a Economia Donut, em uma proposta educativa, foi um modelo acessível e de fácil entendimento pela comunidade aplicada e se ela foi capaz de catalisar iniciativas de inovação social e sustentáveis para potencializar a cidade. Sendo que as informações destacadas até aqui e detalhadas a seguir sobre a constituição, a realização e as reverberações da Oficina Donut foram obtidas em materiais documentais fornecidos pelos Instituto LivMundi, que autorizou acitação do Instituto e a reprodução em partes dos documentos cedidos, neste trabalho, por meio de assinatura de Termo de Consentimento Livre Esclarecido (declarado à revista). Assim, quando foram referenciados trechos literais dos documentos fornecidos ou imagens, estes serão identificados como LivMundi (2021).

A Oficina Donut foi realizada pelo Instituto LivMundi no dia 13/11/2021 na Arena Dicro, um espaço cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro, que fica localizado na região da Penha, dentro do Parque Ary Barroso (Figura 4). A Penha é um bairro da zona norte do Rio de Janeiro - Brasil, onde está localizado o Complexo da Penha, um conjunto formado por treze favelas. O parque Ary Barroso, fica dentro da Penha Circular, que atualmente está praticamente abandonado e subutilizado, sendo uma das poucas áreas remanescentes de Mata Atlântica nativa da região. Criado em 1964, o parque era refúgio dos moradores que usufruíam de seus espaços, suas cachoeiras e sua área verde para atividades coletivas de lazer. Voltar o olhar para esse parque, foi um dos motivos da escolha do local para a realização da Oficina.

---

<sup>3</sup> Site do Instituto: <<https://livmundi.org/>>.

**Figura 4:** Localização do Complexo da Penha e Visão Global do Mapa da Cidade.



**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

O desejo de pensar modelos de prosperidade local a partir de Lentes socioambientais no território aproximou em 2019 o LivMundi<sup>4</sup> e o Observatório de Favelas, quando foi realizado o primeiro Festival LivMundi na Arena Dicró, expandindo seu alcance como principal iniciativa do Instituto. Desde 2016 o Festival busca democratizar, a partir de ações educativas, a pauta socioambiental através de diversas atividades gratuitas, como Oficinas, trilhas, diálogos, feiras, exibição de filmes e outras que sensibilizem à causa e conectem o ser humano à natureza.

Além do Festival, o Instituto promove outras iniciativas como mutirões e Oficinas, como a Oficina Donut, que buscam engajar um coletivo para tomada de consciência socioambiental como primeiro passo para adotar novos modos de vida mais sustentáveis. Essa busca é particularmente importante em tempos de crise climática. Segundo o relatório do IPCC AR6 de 2022, no Brasil, os principais risco da crise climática incluem: a segurança hídrica; a degradação dos ecossistemas; a questões de saúde devido às pandemias; os riscos de insegurança alimentar devido às secas, as inundações; os deslizamentos de terra, entre outros (IPCC, 2022).

Diante desse cenário e tendo como base o guia '*Criando Retratos da Cidade: guia metodológico da Iniciativa Cidades Prósperas*' (DEAL et al., 2020), a Oficina Donut foi realizada e aconteceu com a intenção de promover a pauta das dimensões socioambientais daquela comunidade e potencializar as pessoas desse território, tomando-as como principais agentes de transformação de suas realidades e reconhecendo as iniciativas de inovações sociais e sustentáveis que já aconteciam localmente. Ainda a Oficina, em uma proposta educativa, teve a intenção de avaliar se as ferramentas e a linguagem do modelo Donut eram acessíveis e aplicáveis àquela comunidade.

<sup>4</sup> O Observatório de Favelas é uma OSC, fundada em 2001, sediada no Conjunto de Favelas da Maré, e que se dedica à produção de conhecimento e metodologias visando incidir em políticas públicas sobre as favelas e periferias e promover o direito à cidade (<https://observatoriodefavelas.org.br/>).

A elaboração e condução da Oficina se deu pela cofundadora do LivMundi, Ana Lavaquial. A mobilização para a Oficina foi feita por pessoas da própria comunidade, como a líder comunitária, e o coordenador do coletivo Arte Transformadora, além de abrir para os demais interessados da comunidade. A Oficina envolveu 27 participantes, a saber: 4 colaboradores do Instituto LivMundi; 2 colaboradores do Observatório de Favelas; 2 pessoas do Centro de Integração da Serra da Misericórdia; 4 pessoas do Coletivo Arte Transformadora (incluindo o fundador, Albert Martins); 3 pessoas do SESC Ramos (incluindo um Analista de Educação e um Analista de Educação e Meio Ambiente); 5 moradores da Penha e 7 crianças e jovens que participam das atividades do coletivo Arte Transformadora.

A proposta original não era ter a participação de crianças, mas como elas estavam presentes, foi feita uma adaptação para que elas também pudessem integrar as atividades propostas, conforme programação exposta na Figura 5.

**Figura 5:** Programação da Oficina Donut na Penha.

AGENDA DONUT - MANHA				
ATIVIDADE	Início	Fim	DESCRIÇÃO	MATERIAL
Música chegada - Sorti, Sou Rei Dinâmica Check In	11:00	11:10	Atividade para integrar - 2 stops com música (1 min cada antes de parar) "quem é vc e o que te traz aqui?" 1:30 para cada pessoa da dupla = 3 min	Música dinâmica: Espresso 2222
Economia Donut: por quê e o quê?	11:10	11:40	Apresentação - Ana	
Dinâmica 1: Vivendo no Donut • O que significa "viver no Donut" na Penha para vós? • Como é uma Penha "Próspera e Regenerativa"?	11:40	12:10	Explicação - 5 min Grupo grande - 10 min Colheita - 15 min • Chuva de ideias- post its individuais atributos e situações "prósperas e regenerativas" • Resgate/Agrupar (visão conectada, saudável, empoderado e habitado)	• 1-Board Donut completo (prefi- rosquinha) • 2-folha em branco com as perguntas no centro • post its • canetas pilot • fita crepe
As 2 lentes locais	12:10	12:20	Visão macro - foco Local-social + Local-ecológico	
Dinâmica 2: Espelho espelho meu... As 4 lentes no bairro da Penha (Foco Local/Social + Local/Eco): • Que ações já existem que contribuem para a comunidade viver no Donut? • Que ações nos afastam de viver no Donut?	12:20	12:45	Explicação - 5 min - foco local social+ambiental 4 Grupos- 2 Ambiental/Local+2 Social/Local - 10 min Colheita e agrupamento - 10 min post it cor verde - ações q contribuem post it cor rosa - ações q afastam	• 3-board 2 lentes com as 2 perguntas nos cabeçalhos (apenas social e eco-locais) - imprimi 3 de cada • post its 2 verde/rosa • canetas pilot/fit crepe
Dinâmica 3 Micro Relacionando e priorizando as ações • Que ações possuem maior potencial de causar impactos positivos e impactos negativos	12:45	13:05	Explicação - 5 min Grupo- marcar as 2 com maior potencial de impacto positivo e 2 de impacto negativo - 10 min (Que (novas) ações podem reduzir os impactos negativos e potencializar os positivos?) Colheita - 10 min	• board anterior • bolas adesivas vermelhas • canetas pilot
ALMOÇO	13:05	14:00		
AGENDA DONUT - TARDE				
ATIVIDADE	Início	Fim	DESCRIÇÃO	MATERIAL
Chegada da tarde	14:00	14:10	atividade Desafios	
A iniciativa escolhida e a metodologia Retratos da Cidade	14:10	14:20	Exposição dialogada em torno da ação mais votada na Dinâmica 3	• ppt Ana
Dinâmica 4 A iniciativa pelas 4 lentes • responder as perguntas das lentes em relação à iniciativa	14:20	15:00	Explicação - 5 min Grupos - 20 min Colheita - 25 min (5x5) grupos refletem sobre as lentes e registram em a2	• 4-templates das lentes (em branco com as perguntas slide 12) • post its 2 cores • canetas pilot
Dinâmica 5 Interconexões entre as lentes	15:00	15:20	Com as 4 lentes formando um quadro único, usando cores diferentes, todos contribuem para identificar interconexões positivas e negativas	• durex/fita crepe • canetas pilot • coloridas • adesivos bolinhas
Dinâmica 6 Construindo caminhos prósperos	15:20	15:40	No grupo grande, realizar chuva de ideias de ações em post its para reduzir os impactos negativos + potencializar positivos	• post its • canetas pilot
	15:40	16:00	Compartilhar e alinhar entendimento	
Dinâmica 7 Priorizando ações e Repensando a iniciativa-base	16:00	16:15	No grupo grande: • colocar bolinhas vermelhas nas 2 ações prioritárias • como a iniciativa-base pode ser melhorada?	• adesivos bolinhas vermelhas
Próximos Passos e check out	16:15	16:30	Sugerir estratégias para executar as 2 ações mais votadas, check out + foto grupo	Música fim - Tiem Bala

**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

---

A Oficina foi dividida em sete dinâmicas e promoveu uma jornada que começava com a explanação do conceito figurativo do Donut e a aplicação do modelo na Penha, passando para o reconhecimento das ações e iniciativas que já aconteciam no território e suas potencialidades pelo olhar das 4 Lentes do Retrato da Cidade, mobilizadas pelo modelo Donut, até a escolha de uma ação a ser problematizada sobre as suas possibilidades. Para isso, os participantes foram organizados em grupos de cinco pessoas, sendo destacada uma mesa só para as crianças, pois era necessário outro tipo de linguagem para lidar com elas.

Assim, com base nesses elementos de anterioridade da Oficina, a sua interioridade ocorreu de modo que materiais produzidos e registros de fotos, vídeos, relatos e depoimentos dos participantes foram colhidos e consolidados pelo Instituto LivMundi de modo a formar uma posterioridade do evento. Sendo que, foi a partir desse conhecimento que este relato de experiência foi possível se fundar e explorar os conceitos propostos. Ainda como acréscimo aos materiais, de fonte secundária neste estudo, consolidados pelo Instituto, foi realizada uma entrevista com a facilitadora da atividade, Ana Lavaquial, que também é precursora do movimento Donut no Brasil. A entrevista foi do tipo aberta, semiestrutura, a partir de um roteiro com 10 perguntas, a saber:

1. Como surgiu a ideia da Oficina e como está conectada com o propósito do LivMundi?
2. Por que utilizar o Donut?
3. A Oficina foi uma proposta criada inspirada no Donut, ou foi utilizada alguma das ferramentas/*frameworks*/guias que a Comunidade DEAL já oferece? Caso tenha utilizado algum material da comunidade, qual material? E como foi a aplicação desse material? Teve alguma adaptação?
4. Conte mais sobre a Oficina, seu propósito, por que a Penha, o processo de ideação, execução e pós-Oficina.
5. Como foi a experiência? Os participantes da Oficina conseguiram entender a proposta do Donut ou pelo menos sabendo um pouco mais sobre as temáticas que o Donut quer provocar?
6. Você considera que a linguagem do Donut foi acessível?
7. Como foi vivenciar o Donut na Penha para você? E como você acha que foi para os participantes? Há algum relato?
8. Você acha que o Donut tem potencial para fomentar iniciativas para uma cidade próspera e regenerativa? Por quê?

---

9. Que outras reflexões, percepções você gostaria de compartilhar sobre a aplicação da Oficina Donut na Penha?

A entrevista de fonte primária aconteceu em abril de 2023 e foi realizada pela autora principal deste trabalho. A entrevistada, por meio de Termo de Consentimento Livre Esclarecido, autorizou a sua identificação neste trabalho, logo quando for feita uma citação direta ou indireta de trechos da entrevista, essa será referenciada como Lavaquial (2023). A intenção da entrevista foi compreender pela perspectiva da facilitadora como foi aplicar o modelo Donut na comunidade situada. E com isso propiciar um conjunto de percepções (facilitadora, literatura, autoras e participantes) em contribuição a compreensão das perguntas postas neste trabalho: se a Economia Donut foi um modelo acessível e de fácil entendimento para aplicação, em uma proposta, educativa na comunidade? se ela pode catalisar iniciativas de inovação social e sustentáveis da comunidade? Por ser um modelo ainda novo, em experimentação, e com origem europeia, é preciso avaliar sua aplicabilidade e tradução para países do Sul Global, sendo este relato de experiência um dos poucos já praticados no contexto de cidades no Brasil.

Pela jovialidade do tema, além de o relato de experiência da Oficina Donut, o estudo oferece uma breve revisão narrativa da literatura entrelaçando a proposta da Economia Donut, a abordagem de design para inovação social e sustentabilidade de Manzini (2008; 2017) e o conceito de cidade de Maiolino e Mancebo (2005). Outras fontes documentais e bibliográficas, como Golias (2020) também contribuíram para a tecitura do texto. E, ainda, na discussão do trabalho, serão trazidas as visões opostas sobre a Economia Donut por dois economistas experientes, como o escritor e professor da PUC-SP, Ladislau Dowbor, e o professor do Graduate Center da City University of New York, Branko Milanović. Por fim, mesmo não sendo foco deste trabalho elaborar uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) foram realizadas buscas, em abril de 2023, na base de pesquisa do Google Acadêmico a partir de termos descritos na Tabela 1, a fim de revelar que a presença do tema da “Economia Donut” ainda é recente na literatura, estando em estágio de exploração. Cabe salientar que não se avançou no nível qualitativo com leituras aprofundadas dessas buscas, tanto pouco foram determinados filtros de inclusão e exclusão de trabalhos, ficando aqui apenas o interesse e a sugestão de uma pesquisa futura.

**Tabela 1:** Termos de Busca e Achados de Trabalhos sobre a Economia Donut.

Termos de busca em português e inglês	Nº de Achados
"Economia Donut"	130
"Economia Donut" + "cidades"	72
"Economia Donut" + "Oficina"	12
"doughnut economic"	135
"doughnut economic" and "city"	91
"doughnut economic" and "workshop"	26

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2023).

---

A seguir, embasada pelos movimentos de anterioridade, interioridade e posterioridade, conforme classifica Stuber (2012) sobre a projeção de workshops de cocriação, apresenta-se insumos da (i)materialidade produzida pela Oficina Donut praticada no território urbano da Penha.

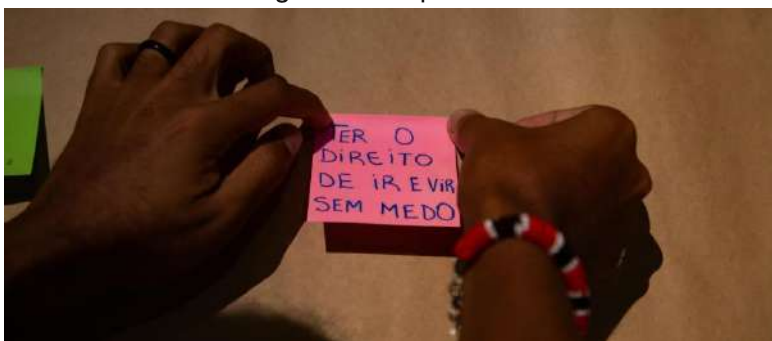
#### 4. Modelo donut no complexo da penha

Esse é o barato do Donut, né? Ele trabalha um caminho de impacto positivo<sup>5</sup> reconhecendo o que já existe ali no território. Então [o objetivo] era exercitar uma metodologia diferente, e fazer revelar, a partir dos próprios participantes, aquelas potências. E que as dificuldades, os problemas, eles existiam, então trazer isso para a consciência, mas entender que já tinha muita coisa sendo feita para poder mitigar aqueles problemas, vindo deles próprios. Então de verdade, fazer cair a ficha de que só eles é que podiam ser agentes de transformação daquele território e fazer essa roda girar ali (LAVAQUIAL, 2023).

Ao propor fazer um retrato do território, o modelo Donut permite trazer um olhar mais próximo para as iniciativas que estão acontecendo localmente, e como essas iniciativas estão promovendo impacto. Olhar para o ecossistema, mapear, identificar os impactos e perceber as conexões traz um olhar socioambiental mais amplo e permite conexões que potencializam os projetos e iniciativas locais. Logo, a proposta da Oficina Donut era apresentar a modelo e como as 4 Lentes do Retrato da Cidade podem ajudar as pessoas a olharem para seus territórios de forma pontual, mas também de modo mais ecossistêmico.

No início do percurso da Oficina, a primeira dinâmica buscou acessar, inicialmente, um imaginário positivo em uma provocação aberta para reflexão individual sobre o que seria, segundo o LivMundi (2021), “viver no Donut, em uma Penha próspera e regenerativa”. Contudo, os participantes escreveram em post its suas contribuições e sinalizaram “dores” e desejos que foram trabalhados ao longo da Oficina (Figura 6).

**Figura 6:** Dinâmica "O que significa viver no Donut, em uma Penha próspera e regenerativa para você?"



---

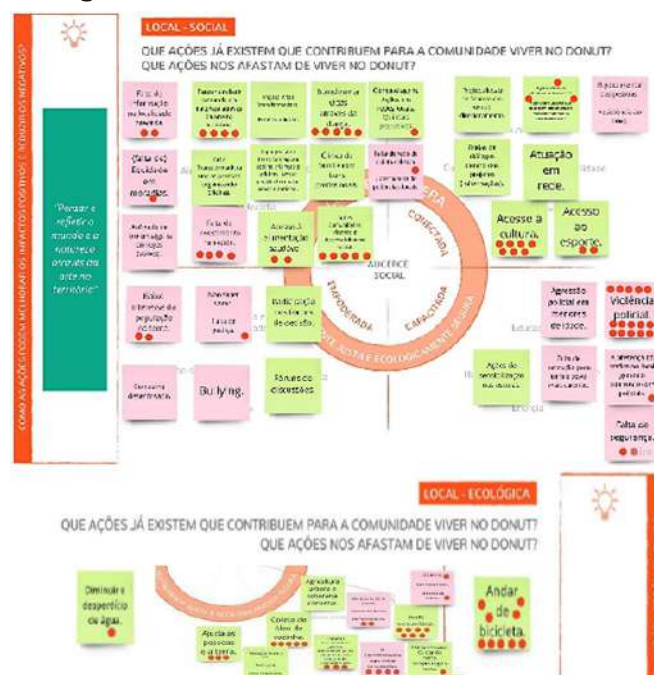
<sup>5</sup> Por impacto positivo, entende-se como efeito benéfico que uma ação, projeto ou iniciativa tem sobre a sociedade, o meio ambiente ou outros aspectos que afetam o bem-estar humano.



Fonte: Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

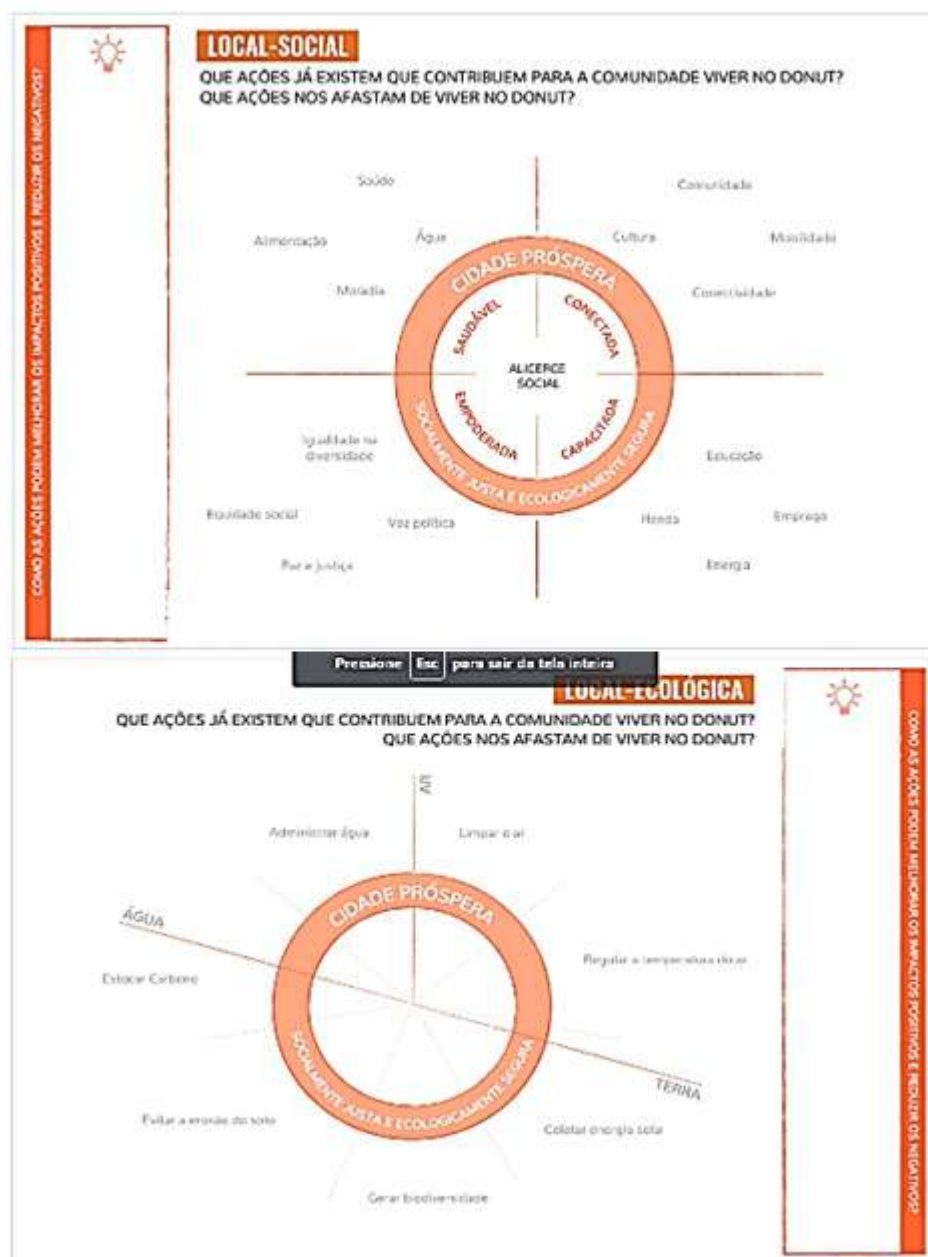
Esta dinâmica revelou desejos associados a “dores” recorrentes dos participantes, como: “Ter direito de ir e vir sem medo”. Essa resposta e outras relacionadas geraram um grupo de percepções sobre aspectos de violência e segurança de viver na Penha. Outros conjuntos de percepções formados foram sobre: natureza saudável e diversa; bem-estar social, aspectos básicos e qualidade de vida; vida em comunidade, solidariedade e colaboração. Em seguida, foi preenchido os mapas socioambientais a partir das 4 Lentes do Retrato da Cidade, na qual os participantes identificavam iniciativas sociais e ecológicas, existentes ou não, correspondentes a cada uma das Lentes e seus alicerces e atributos como o alicerce “saudável” e seus atributos “alimentação, saúde, moradia e água” (Figura 7 e 8).

Figura 7: Iniciativas sociais e locais existentes.



Fonte: Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

**Figura 8:** Mapa, Alicerces e Atributos das Lentes Locais - Sociais e Ecológicas.



**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

Quando o panorama se formou foi revelador: Nossa, quanta coisa já existe de legal! Era aquela coisa de mostrar essas potências porque nem eles celebravam essas iniciativas, não sabiam que existiam. Então ali ficou tudo condensado de um jeito que fazia sentido, e fica claro também que você colocar o ecológico, não é natural. E a gente acredita muito, no LivMundi, que o grande problema é a desconexão do ser humano com a natureza. E ali a gente provocou esse olhar: Olha, vocês estão na Arena Dicro, que fica dentro do parque Ary Barroso, que fica dentro da Serra da Misericórdia, um dos últimos espaços de mata atlântica nativa na Zona Norte do Rio. (LAVAQUIAL, 2023)

---

Para Lavaquial (2023) mapear as iniciativas de acordo com as diferentes Lentes, alocando-as nos 4 quadrantes, e depois fazer as conexões entre elas foi uma das grandes contribuições do Donut. Isso trouxe para o grupo um olhar de reconhecimento do que já existe e como conectá-las pode potencializar um impacto positivo no território. Visualmente, eles perceberam que o local-ecológico e local-global estão conectados, e precisam ser olhados de forma integral. Ao total 33 iniciativas foram mapeadas.

Apesar da ferramenta indicar o olhar para o território utilizando as 4 Lentes (Local-Social; Global-Social; Local-Ecológico; Global-Ecológico) durante a Oficina, a facilitadora optou por não trabalhar com a Lente global, pois percebeu que existia uma dificuldade das pessoas de se conectarem para além de seus territórios, em ampliarem seus olhares além do lugar onde vivem. Isso foi percebido quando ela ampliou o olhar para toda a cidade do Rio de Janeiro. Ademais, os atributos ecológicos (que diz respeito aos limites planetários) eram muito distantes da realidade deles, com tantas urgências e carências básicas, então foi importante adaptar a linguagem do Donut para a realidade e conhecimentos locais, trabalhando com as Lentes Local-Social e Local-Ecológico.

Depois do almoço, eu puxei para a cidade do Rio de Janeiro, e ficou mais difícil, isso ficou muito claro visualmente também, porque as contribuições foram muito menores. Então percebi que era mais importante para eles voltar para o olhar local, mas foi útil para eles compreenderem que eles têm conexão com o resto da cidade, podem olhar para outras coisas que podem impactar eles de volta, começando pelo entorno imediato de vizinhanças e bairros (LAVAQUIAL, 2023).

Na sequência, o grupo de participantes votou nas principais iniciativas de impacto positivo da comunidade para definir aquela que poderia trazer maiores benefícios. A iniciativa escolhida passou, então, a ser o foco da segunda parte da Oficina. Com isso, os participantes analisaram um único projeto e problematizaram como esse impactava as dimensões sociais, ecológicas, locais e globais. Essa atividade aconteceu em grupos de trabalhos, mas com apresentações e discussões no grande grupo.

A iniciativa escolhida por eles, como aquela que eles perceberam que estava mais presente na comunidade, foi o projeto de ampliação da rede de hortas comunitárias da Penha (Figura 9). Com isso, a proposta foi analisar o impacto da horta, novamente, sobre as 4 Lentes do Retrato da Cidade, mobilizadas pelo modelo Donut. Nessa atividade, eles puderam perceber e entender como um projeto pode reverberar em diferentes dimensões, e as consequentes ramificações de seus impactos. “Isso permitiu exercitar o pensamento das consequências daquilo como uma intervenção que já existia e podia ser potencializada” (LAVAQUIAL, 2023).

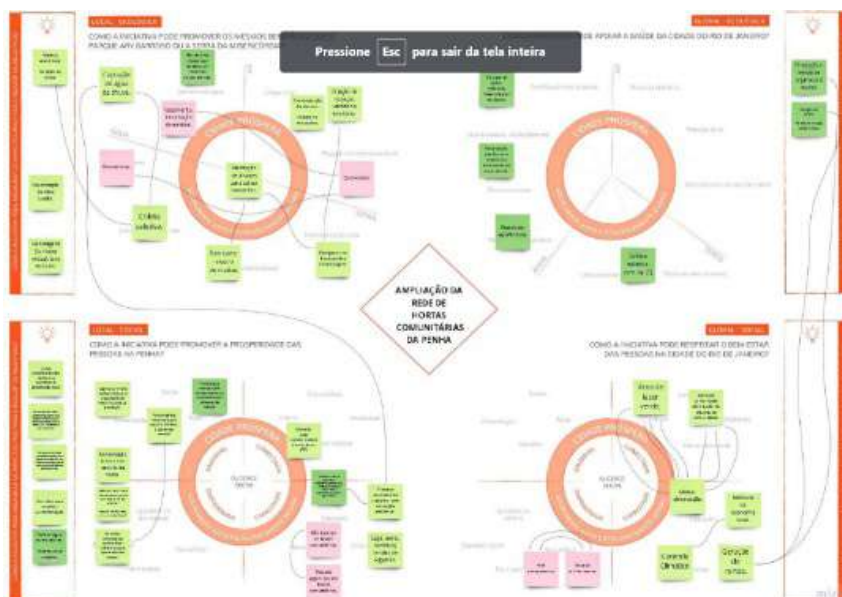
**Figura 9:** Momento de Trabalho na Iniciativa de Rede das Hortas Comunitárias da Penha



**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

A horta comunitária, quando analisadas pela perspectiva dos atributos apresentados pelas 4 Lentes do Retrato da Cidade, mobilizadas pelo modelo Donut, pode gerar impactos diversos, tais como: redução de custo com alimentação; bem estar pelo consumo de alimentos saudáveis; fortalecimento das relações sociais e de redes de apoio; reconexão com a natureza; fonte de renda pela venda do excedente; adoção de novos hábitos sobre descartes e reciclagem de lixo, com a redução do impacto ambiental pelo reaproveitamento do lixo orgânico em composteiras e maior consciência socioambiental. Essas foram algumas conexões que os próprios participantes da Oficina fizeram. A Figura 10 ilustra em uma visão sistêmica os mapas de relações produzidos pelos participantes.

**Figura 10:** Visão Sistêmica das 4 Lentes do Retrato da Cidade na Perspectiva da Iniciativa de Rede de Hortas Comunitárias da Penha.



**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

---

As 4 Lentes do Retrato da Cidade, ao provocar o diálogo e olhar para a cidade, os territórios e os projetos, sobre atributos sociais e ecológicos de amplitude local e global, propor a planificação desse diálogo e olhar em mapas visuais e sistêmicos, contribuem para que as pessoas consigam lidar com maior facilidade com o esquema e fazer conexões.

Os participantes, em depoimento aos organizadores, acharam o modelo Donut de fácil entendimento. Ele tem uma linguagem acessível e que pode ajudar a potencializar as ações em seus territórios. Eles também perceberam a importância de conhecer e reconhecer as iniciativas que já existem para conectá-las com outras e ampliar o seu impacto.

Eu tô achando muito legal. Eu achei impactante os mapas que dá essa impressão muito boa, porque conseguiu sistematizar os nossos limites para poder pensar o que a gente pode fazer, né? A visualização gráfica ajudou muito a gente a ver e organizar as coisas (DEPOIMENTO DE PARTICIPANTE, 2021).

Também, a participação das crianças acabou sendo importante para perceber que o modelo Donut constitui-se por maneiras fáceis e acessíveis de lidar e compreender por diferentes públicos, que, inclusive, pode ser aplicado com crianças: “na hora que o menino disse que planta com a avó, eu falei: - Nossa, que legal! [...] Ali eu vi o poder da tradução daquilo para criança e para quem nunca olhou para o parque Ary Barroso como um ativo deles”. (LAVAQUIAL, 2023)

A partir do modelo Donut, na perspectiva do economista Ladislau Dowbor (2020, p.27), “economia deixa de ser um mistério para amadores de modelos matemáticos, e passa a fazer sentido para os comuns dos mortais. Ao mesmo tempo, temos uma imagem simples e desafios que são coerentes com o que foi decidido nas grandes conferências de 2015”. O autor faz referência ao Acordo de Paris e a Agenda 2030 que traz os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável para pensar o futuro do planeta. O autor ainda complementa, afirmando que “a simplicidade e facilidade de leitura, inclusive de visualização mental, dos desafios econômicos, é essencial, pois enquanto a imensa maioria da população não entender a lógica de como usamos os nossos recursos, as farsas irão continuar” (ibidem). Como o modelo Donut:

[...] podemos, setor por setor, canalizar os esforços e recursos financeiros para onde irão gerar maior equilíbrio. Ou seja, podemos calcular onde devemos nos restringir, onde podemos expandir, em que setores há prioridade e assegurar o básico para a população. A economia passa a fazer sentido [...]. Já era tempo que alguém desse um pouco de sentido na visão geral da economia realmente existente (DOWBOR, 2020, p.27).

Em uma publicação para a revista Time, Ciara Nugent (2021) traz diversos pontos de vistas de admiradores e críticos sobre o modelo Donut. Dentre os admiradores estão figuras públicas importantes, como o Papa Francisco e o naturalista britânico Sir David Attenborough. Já dentre os críticos, Nugent destaca a visão do professor do Branko Milanović:

---

Ainda assim, alguns economistas são céticos em relação ao idealismo. Em sua revisão de 2018 do livro de Raworth, Branko Milanovic, um estudioso do Stone Center on Socio-Economic Inequality da CUNY, diz que, para que o Donut decole, os humanos precisariam “magicamente” se tornar “indiferentes ao quão bem nos saímos em comparação com os outros, e realmente não se importam com riqueza e renda.” (NUGENT, 2021, p.8, tradução nossa).

Nugent, diz que o modelo Donut por suas características de visão ampla, pode parecer abstrato, o que acaba por resultar em críticas de conservadores pragmáticos, que não acreditam que o modelo Donut possa “competir com a capacidade comprovada do capitalismo de tirar milhões da pobreza. Alguns críticos de esquerda dizem que a natureza apolítica do Donut significa que ele não conseguirá enfrentar a ideologia e as estruturas políticas que impedem a ação climática” (NUGENT, 2021, p. 5). Por outro lado, a autora apresenta a tomada de decisão da cidade de Amsterdã em adotar a Economia Donut em nível local e que esse interesse tem se espalhado segunda a fala da idealizadora do modelo: “Raworth diz que o DEAL recebeu uma avalanche de pedidos de líderes municipais e outros que buscam construir sociedades mais resilientes após o COVID-19” (NUGENT, 2021, p. 3).

Com a Oficina Donut, em uma aplicação em comunidade, ou seja, em uma escala bem menor que toda uma cidade como Amsterdã, a avaliação dos impactos, inicialmente, é de reação dos participantes, de engajamento nas atividades e de mobilização de interesse para ações futuras. A Figura 11 retrata os 5 grupos de trabalhos formados na Oficina (foi aplicado efeito artístico sobre a fotografia para preservar a imagem dos participantes). Neste sentido, a facilitadora, Lavaquial (2023), destaca que a Oficina Donut, como um processo educativo, foi importante, contudo, para resultados mais aprofundados, o trabalho precisaria ser de médio-longo prazo, mesmo que o grupo todo não continuasse, tinha um pequeno grupo que estava mobilizado para a ação. Também é importante destacar, diz Lavaquial (2023), que “o Donut, a princípio, foi pensado para cidades. Mas a metodologia é tão bacana e adaptável que você pode aplicar em projetos, e nesse caso eu apliquei ali em um território da Penha”.

Acho que o Donut foi um super catalisador que convergiu ali as opiniões e as interações entre as pessoas, e onde eles entenderam as consequências da realização das ações, sobretudo a força do coletivo, de uma forma muito positiva. [...] Tinha que ter um caso nosso [Brasil] para contar. E o caso acabou virando super emblemático até lá para fora, porque acho que nunca ninguém viu a aplicação numa favela. (LAVAQUIAL, 2023)

**Figura 11:** Participantes da Oficina Donut na Penha em Grupos de Trabalho.



**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

Outro ponto que a facilitadora percebeu como relevante, foi levar informações históricas da Penha, principalmente, do parque Ary Barroso para conectar emocionalmente as pessoas com aquele lugar. Para isso, a facilitadora fez uma pesquisa e apresentou para os participantes em forma de quiz, a fim de identificar o que eles sabiam sobre a história do lugar em que moram, e a partir das respostas debateu-se um pouco sobre o contexto histórico local. Isto trouxe um olhar de cuidado para com os participantes e o território e de personificação da Oficina. Na Figura 12 mais alguns retratos do momento da Oficina são trazidos para ilustrar a ação (foi aplicado efeito artístico sobre as fotografias para preservar a imagem dos participantes).

**Figura 12** Retratos de Momentos de Interação entre Participantes na Oficina Donut



**Fonte:** Imagem cedida pelo Instituto LivMundi (2021).

---

## 5. Considerações Finais

Este trabalho teve a intenção de evidenciar uma prática embasada na exploração de temas correlatos, como a Economia Donut, a inovação social e as cidades sustentáveis. Para isto, relata a experiência da Oficina Donut aplicada em um conjunto de favelas do Rio de Janeiro, o Complexo da Penha. A partir dessa oficina, tenta-se ainda compreender se a Economia Donut, em uma proposta educativa, foi um modelo acessível e de fácil entendimento pela comunidade situada e se ela pode catalisar iniciativas de inovação social e sustentáveis para potencializar a cidade.

Considera-se que só foi possível evidenciar a Oficina Donut, produzindo este relato, a partir do cuidado dos realizadores da oficina em documentar momentos de preparação da oficina (projeto da ação - anterioridade), de produzir registros durante o evento (interioridade) e de consolidar todo o material documental gerado com o evento (constituindo uma posterioridade, assim como esse trabalho). Ao evidenciar essa experiência de oficina, foi possível também explorar conhecimentos com o entrelaçamento de conceitos entre Economia Donut, design para inovação social e sustentabilidade e cidades sustentáveis, encontrando forte afinidade conceitual entre os temas a partir de uma perspectiva humanista, ecossistêmica e de futuro.

Assim, ao final deste texto, considera-se que o modelo Donut é uma metodologia ainda a ser explorada e experimentada. E sugere-se que essa exploração se expanda, principalmente, nos países do Sul Global. Como destaca Ana Lavaquial, a realidade do Brasil é muito diferente da realidade da maioria dos países europeus, onde nasceu a Economia Donut. Por esse motivo, é emblemático e necessário colocar o modelo em prática nos mais diversos territórios e realidades, para que possa ser adaptado à história, ao território e a cultura de cada país.

Com a Oficina foi possível perceber que o modelo Donut oferece uma linguagem simples e que tem uma abordagem sistêmica e “retratual” (relativo a retrato, que produz um retrato situado, porém conectado com perspectivas globais complexas), podendo funcionar como catalizador de iniciativas socioambientais para o desenvolvimento de cidades como territórios urbanos sustentáveis e carregados de subjetividade e potencialidades coletivas. Nesta prática, 33 iniciativas socioambientais puderam ser catalisadas.

Contudo, apesar de simples, quando o modelo aborda as questões ecológicas e globais, os conceitos apresentados se mostraram ainda muito distante da realidade das pessoas que não estão vivenciando esses conceitos em seu dia a dia. O conceito dos limites planetários, ainda é um tema muito restrito às pessoas da academia e àquelas que estão estudando a temática da sustentabilidade de forma mais aprofundada. Para apresentar os impactos ecológicos, talvez seja necessária uma preparação prévia a fim de traduzir, para a realidade da comunidade, temas que eles não têm tanta intimidade.

No entanto, para o olhar local, a Oficina se mostrou produtiva e evidenciou que as pessoas têm mais facilidade com a lente social do que com a ecológica. Identificar essas lacu-

---

nas e dificuldades são importantes para avaliarmos que tipo de situações e entendimentos estão mais próximo da realidade das pessoas. A questão social é algo muito presente em populações com questões de sobrevivência mais latente, e que acabam não conhecendo ou entendendo que as questões ambientais também têm impactos diretos e indiretos em suas vidas. Logo, trabalhar os aspectos ambientais e o olhar mais global, conectando com as questões locais e sociais, são aspectos importantes que o modelo Donut pode ajudar a fazer, mas que precisa de uma melhor preparação e adaptação.

Durante a Oficina, ficou evidente a necessidade de tradução e adaptação da linguagem, e a aplicação dos exemplos às realidades deles. Sendo que, uma das principais propostas da Economia Donut e da plataforma DEAL é fomentar essas adaptações, com o intuito de apresentar o modelo em diferentes contextos e realidades. O modelo não tem a intenção de ser um conceito fechado, mas uma bússola que orienta as ações de governos, projetos, organizações e iniciativas socioambientais em direção a um lugar que seja socialmente mais justo, próspero e que respeite os limites planetário. Uma sociedade que caiba dentro da rosquinha Donut.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

## Referências

DEAL, **Doughnut Economics Action Lab**; Biomimicry 3.8, C40 Cities e Circle Economy. Criando retratos das cidades: Guia metodológico da Iniciativa Cidades Prósperas. Oxford, julho de 2020. [Online] Disponível: [https://doughnuteconomics.org/tools-and-stories/14?stories\\_page=2&users\\_page=2](https://doughnuteconomics.org/tools-and-stories/14?stories_page=2&users_page=2). Acesso em: 17/02/2023.

**DOUGHNUT ECONOMICS**. Home. Disponível em: <https://doughnuteconomics.org/>. Acesso em: 17/02/2023.

EJF. **Beyond borders**: Our changing climate – its role in conflict and displacement. 2017. [Online] Disponível: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/BeyondBorders-2.pdf>. Acesso em 17/02/2023.

FREIRE, K. Inovação social dirigida pelo design. In: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher. p. 111 -124. Gil, A C. 2008. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas. 2017.

---

GOLIAS, C. **Toward Donut-Centered Design: A Design Research Toolkit for the 21st Century.** EPIC 2019, 2019 (1): P. 605-624. 2020. <https://doi.org/10.1111/1559-8918.2019.01317>

IPCC. Summary for Policymakers [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, M. Tignor, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem (eds.)]. In: **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability.** Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, M. Tignor, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem, B. Rama (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, pp. 3–33. 2022. doi:10.1017/9781009325844.001.

DOWBOR, L. A Economia Desgovernada. **Revista Labor**, v. 1, n. 23, p. 10-34, 8 jun. 2020.

MAIOLINO, Ana Lúcia Gonçalves; MANCEBO, Deise. Territórios urbanos: espaço, indivíduo e sociedade. **Mnemosine**, v. 1, n. 1, 2005.

MANZINI, E. 2008. **Design para inovação social e sustentabilidade:** comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro. 2008.

MANZINI, E. **Design:** quando todos fazem design: Uma introdução ao design para inovação social. São Leopoldo, RS: UNISINOS. 2017.

NUGENT, Ciara. Amsterdam is embracing a radical new economic theory to help save the environment. Could it also replace capitalism. **Time Magazine**, v. 1, 2021.

OXFAM. **Survival of THE Richest:** How we must tax the super-rich now to fight inequality. Published by Oxfam GB for Oxfam International in January 2023. DOI: 10.21201/2023.621477.

RAWORTH, K. **Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo.** Rio de Janeiro: Zahar. 2019.

ROCKSTRÖM, J., STEFFEN, W., NOONE, K., PERSSON, A., CHAPIN, F.S., LAMBIN, E.F., LENTON, T.M., SCHEFFER, M., FOLKE, C., SCHELLNHUBER, H., NYKVIST, B., WIT, C.A., HUGHES, T., LEEUW, S., RODHE, H., SÖRLIN, S., SNYDER, P.K., COSTANZA, R., SVEDIN, U., FALKENMARK, M., KARLBERG, L., CORELL, R.W., FABRY, V.J., HANSEN, J., WALKER, B., LIVERMAN, D., RICHARDSON, K., CRUTZEN, P., FOLEY, J.A. A safe operating space for humanity. **Nature**, 461: 472-475. 2009.

---

STUBER, E. C. Inovação pelo Design: Uma Proposta para o Processo de Inovação Através de Workshops Utilizando o Design Thinking e o Design Estratégico. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Curso de Design, Porto Alegre, 2012.

WFC. **Regenerative cities**. 2010. [Online] Disponível: [https://www.worldfuturecouncil.org/wp-content/uploads/2016/01/WFC\\_2010\\_Regenerative\\_Cities.pdf](https://www.worldfuturecouncil.org/wp-content/uploads/2016/01/WFC_2010_Regenerative_Cities.pdf) . Acesso em: 17/02/2023.

WORLD BANK. **Poverty and Shared Prosperity 2020**: Reversals of Fortune. 2020. [Online] Disponível: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2020/10/07/covid-19-to-add-as-many-as-150-million-extreme-poor-by-2021> . Acesso em: 17/02/2023.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercia- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

**Link:** <http://creativecommons.org/by-nc-sa/4.0/>.

*Recebido em: 23/02/2023*

*Aprovado em: 04/05/2023*